

O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Roberta Xavier Montenegro Bezerra (1); Kalligiana de Araújo Farias (1); José Carlos Barbosa da Silva (2); Maria Cláudia Coutinho Henriques (3); Mylla Christie Montenegro Bezerra (4); Valmir Pereira (5)

(1) Universidade Estadual da Paraíba, E-mail: robertamontenegrosegueros@hotmail.com ;

(2) Universidade Estadual da Paraíba, E-mail: Kaligiana_filo@hotmail.com ;

(3) Universidade Estadual da Paraíba,, E-mail: carlossilva_barbosa@hotmail.com ;

(4) Universidade Estadual da Paraíba, E-mail: claudiahcoutinho@gmail.com ;

(5) Universidade Estadual da Paraíba , E-mail: myllac@gmail.com

(6) Universidade Estadual da Paraíba,, E-mail: provalmir@gmail.com

Resumo: O ensino de Filosofia para jovens na escola de ensino médio, tem uma relevância sob diversos aspectos, podendo ser apontada com a possibilidade de auxiliar o estudante a desenvolver o senso crítico e se perceber enquanto membro da sociedade. A necessidade de integração da disciplina de filosofia no ensino médio chega a ser praticamente imprescindível, o que passa a estimular os jovens. A dificuldade do professor, ao tentar facilitar o desenvolvimento intelectual dos seus estudantes, pode estar relacionada com a forma como esses conhecimentos devem ser introduzidos no ensino, ou seja, como fazer para levar esse conhecimento para sala de aula. No entanto, os professores do nível médio dificilmente incorporam esse tipo de conhecimento em suas práticas. Os resultados suscitam uma série de questões para reflexão, podendo ultrapassar a preocupação com o material didático que foi oferecido, como também a metodologia de ensino oferecida pelo professor. O conhecimento pedagógico do conteúdo, a ser melhor ministrado pelo professor, necessita que ultrapasse o método de ensino tradicional e introduza uma metodologia voltada a arte, música e que possa oferecer vivências além dos muros da escola. O ensino de filosofia deve ter uma produção do pensamento? O professor de filosofia é um filósofo? Questões dessa natureza nos levam a pensar que o ensino da disciplina de filosofia requer pensamento e uma criação de parâmetros filosóficos para o jovem criar a si e ao mundo de forma original e autônoma. É necessário, conseqüentemente, corroborar primitivamente que todos nós somos filósofos, delimitando as características das linguagens desta filosofia espontânea, peculiar a todo o mundo, isto é, da filosofia que está composta: 1) uma própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) um senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições.

Palavras-chave: Filosofia, Professor, Estudante, Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

A arte de ensinar é um ato antigo, mais antigo do que se imagina, sendo ele antecedente até mesmo saber ler e escrever. Na antiguidade o ato de ensinar se dava através da oralidade, como também do uso de rituais, da dança, das artes visuais (pictóricas) etc. Nos primeiros anos da humanidade a transmissão do que era certo ou errado já acontecia, ensinando as crianças a pescar, a caçar, a que frutos deveriam comer ou não. O ato de ensinar vem de longe, vem dos primeiros anos da humanidade. Com o tempo esse ato de ensinar se transformou, surgindo metodologias, conteúdos e

peças especializadas em ensinar, pessoas que estudavam e se dedicavam ao ato de ensinar. Quem são essas pessoas? Como elas aprendem e desenvolvem o ato de ensinar? Como é a transmissão do conhecimento até os dias de hoje? Como é que os teóricos veem o ensino? É um ensino estruturado? Sem relações de poder?

Como os teóricos veem o ensino?

Observar como se dá a educação é um ponto crucial para se entender a sociedade em que vivemos atualmente, pois, foi a partir da educação do passado, que somos o que somos hoje. Durkheim vai explicitar isso de forma bem sucinta:

Durkheim afirma [...] que para definir a educação será preciso considerar os sistemas educativos que existem, ou tenham existido, compará-los e aprender deles os caracteres comuns. Para que haja educação é necessário que haja uma geração de adultos e de jovens, crianças e adolescentes, em que uma ação seja exercida da primeira sobre a segunda. Não há povo em que não exista certo número de idéias, sentimentos e práticas que a educação deve inculcar nas crianças, independente da categoria social a que pertençam. Toda e qualquer educação, seja a dos ricos ou a dos pobres, tem objetivo de fixar idéias nas cabeças dos educandos. Resulta destes fatos que cada sociedade faz do homem certo ideal, tanto do ponto de vista intelectual, quando do físico e moral, um ideal que de certo ponto é o mesmo para todos os homens. Esse ideal, ao mesmo tempo uno e diverso, é que constitui a parte básica da educação. (LUCENA, 2010, P. 302)

Para Foucault, não existe saber sem poder:

Poder e saber, como dois lados do mesmo processo, entrecruzam-se no sujeito, seu produto concreto. Não há relação de poder sem a constituição de um campo de saber, nem saber que não pressuponha e não constitua relações de poder. Foucault, em vez de considerar que só há saber na ausência de relações de poder, considera que o poder produz saber. (MOREIRA, 2004, p. 614)

São dois teóricos que se complementam, Durkheim vê a educação como o melhor caminho para transmitir a sociedade vinda, a moral e os bons costumes da sociedade precedente, como também “uma poderosa ferramenta para a construção gradativa de uma moral coletiva” (LUCENA, 2010, p. 295). Foucault complementa Durkheim por relacionar o saber produzido ao poder. Os currículos escolares, formadores de cidadãos, só se efetivam quando estão vigentes dentro do que o poder quer para a sociedade.



Filosofia: Uma Disciplina Indispensável

Avaliada como imprescindível ao currículo do ensino Médio, a filosofia foi aprovada, juntamente com a sociologia como disciplinas obrigatórias no currículo de todas as séries do Ensino Médio a partir da Lei 11.684/08, de 3 de junho de 2008, suscitando muitas expectativas e esforços por parte de educadores e pensadores não só da filosofia como também da educação. Essa exigência, de ter a filosofia no currículo, deu-se devido à percepção que educadores tiveram ao perceberem que, os alunos que usufruíam dessa disciplina tinham benefícios pois esta disciplina dá ao aluno a oportunidade de desenvolver um pensamento crítico permitindo assim com que o educando experimente o pensar individual.

A filosofia enquanto disciplina justifica-se inteiramente no desenvolvimento do adolescente, desse modo, sua presença e permanência se faz inteiramente indispensável no currículo, justificando-se em consequência da própria existência humana, condição que se constitui através de suas mediações históricas, do trabalho, da participação social e através do desenvolvimento cultural das pessoas (SEVERINO, 2019, p. 17). É através da educação que se garantem essas mediações com a forma concreta de nossa existência. É preciso, porém, superar a perspectiva idealizada do papel da filosofia, da escola e da educação.

O ensino médio é geralmente considerado pelos educadores uma fase de consolidação da personalidade do indivíduo, a colaboração da filosofia para essa fase da vida pode ser considerada de grande importância, uma vez que ela é a disciplina pela qual o estudante pode ter uma visão crítica do mundo em que vive e de suas relações sociais. Apesar de tudo isso, a Filosofia vem encontrando grandes dificuldades em se manter no currículo escolar, na formação dos profissionais da área bem como na desvalorização de tais profissionais e da disciplina em si. Durante a história do nosso país, podemos fazer um recorte de três momentos importantes sobre o ensino de filosofia no Brasil. O período anterior ao regime militar; o período da ditadura militar, onde a filosofia foi retirada do currículo em benefício de uma formação técnica, e o terceiro momento, onde se constrói o ensaio para o retorno da filosofia para os estudantes do Ensino Médio.

No breve e resumido recorte no tempo sobre o ensino de filosofia que consideramos aqui, há três momentos importantes a serem destacados: a presença da filosofia como disciplina acadêmica em uma conjuntura histórica na qual a cultura geral e humanística eram a tônica, que caracteriza o período anterior ao regime militar e que persiste, em grande medida, até 1968; um segundo período em que o regime militar prioriza a formação técnica e que se elimina o lugar que seria destinado à filosofia no Ensino Médio, e que se estende para



além da década de 1990; e um terceiro momento, no qual se constrói o retorno do ensino de filosofia e se debate sua contribuição para a formação crítica do jovem no Ensino Médio. Questões ideológicas, políticas e econômicas permeiam a trajetória do ensino de filosofia no Ensino Médio ao longo do tempo. (BRASILIA, 2010, p. 15)

A inclusão da filosofia no currículo das escolas brasileiras foi conquistada, não há dúvidas, à duras penas. Não bastasse essas dificuldades de se manter a Filosofia no currículo, ainda há outros agravantes que dificultam o seu ensino como por exemplo, os estudantes muitas vezes a considerarem uma disciplina inútil difícil e/ou chata. Tal pensamento dificulta o trabalho do professor na medida em que o foco dos estudantes fica prejudicado e a aula não rende. Muitas vezes, enquanto educadores, mais especificamente professores de filosofia, nos perguntamos de que maneira podemos melhorar nossas práticas, como podemos tornar a Filosofia uma disciplina escolar capaz de seduzir os jovens, principalmente no contexto político-escolar atual que visa em primeiro lugar a formação técnica profissionalizante do jovem para o mercado de trabalho em detrimento da formação intelectual.

Outro ponto que dificulta o ensino, não só de filosofia, mas de todas as disciplinas do currículo escolar, é a grande quantidade de alunos por sala de aula. São turmas muitas vezes com mais de trinta estudantes, com realidades sociais diferentes, formações pessoais diferentes e modos de agir e pensar nem sempre convergentes. Segundo Prado (1991, p. 29)

Não resta senão a alternativa de refugiar-se na função de animador de grupo, o que significa, concretamente, em refugiar-se no método [o professor] sem o objetivo de trabalhar um conteúdo, é transformado na figura meio ridícula daquele que duelava com os ventos. O recurso é multiplicar filmes, slides, videocassete, computador, jogos, recreação. Se fizer tudo isso, será bom professor: não terá ensinado nada, nada se terá aprendido, mas incentivou-se a sociabilidade dos alunos e o tempo passou distraído. E isso é o que vale.

A filosofia possui em si, especificidades que a diferenciam de outras disciplinas que exigem do professor um ensino mais teórico. Isso é enterrado por práticas como as acima citadas. Não queremos dizer com isso que, implementações de dinâmicas, mídias, jogos e outros artifícios não sejam válidos para o ensino de filosofia, porém estas implementações não podem, de forma alguma deixar a filosofia em si em segundo plano. Deve-se aliar novas formas de ensinar as teorias filosóficas para que assim esta não perca sua essência nem sua especificidade. A filosofia reflete a si mesma, e sua atividade é inexaurível e ativa pois ela incide em desenvolver um pensamento crítico lançando possibilidades infinitas de ver os problemas que nos cercam e inquietam. Desse modo, podemos dizer que a Filosofia não é uma ciência com seus consensos sintetizados, ela é antes uma atividade do pensamento e por

isso, deve ter uma didática adequada. Que incite o aluno a pensar de forma reflexiva e autônoma.

A filosofia, desse modo, não pode ser transmitida apenas como um conglomerado conteudista, nem como dados a serem decorados, senão, a filosofia estaria apenas “dizendo” o que determinado filósofo disse, e não instigando o aluno a pensar por si próprio de forma autônoma e crítica. De acordo com Ghedin (2009, p. 118)

[...] pode-se dizer que uma “didática da Filosofia”, contextualizada no ambiente escolar, se interessa pela humanização das condutas de ensino e dos processos de aprendizagem escolar com o objetivo de otimizar a aprendizagem do conteúdo filosófico pelos alunos. Embora uma “didática da Filosofia” se interesse unicamente pelo conteúdo filosófico, uma perspectiva interdisciplinar pode permitir o estabelecimento entre diferentes didáticas.

Tal postura aponta para a filosofia como tendo a mesma didática de outras disciplinas, colocando a filosofia apenas como instrumento interdisciplinar e priorizando conteúdos. Para ensinar a Filosofia, o professor deve, antes de tudo, transmitir aos alunos as teorias, os argumentos e os conceitos filosóficos, trazendo o debate para o cotidiano dos estudantes, fazendo-os enxergar que a filosofia faz parte de suas vidas. Tendo se apropriado destes conhecimentos, o educando terá a possibilidade de desenvolver o pensamento crítico exigido pela ação filosófica bem como desenvolver de forma mais racional e querente suas concepções de mundo, de sociedade, da natureza e de si mesmo.

[...] Comprometer-se com sua formação e com as instituições educacionais à sua volta; Envolver-se com as políticas públicas educacionais; Promover a inclusão social: de jovens, adultos e idosos, de índios, de portadores de necessidades especiais; Relacionar-se com as diversas tecnologias que estão a serviço da educação; compreender a necessidade de formação continuada ao longo de sua vida profissional; fomentar o espírito investigador e de pesquisa; estimular a leitura crítica e reflexiva de mundo. (CNE/CP009/2001).

Contudo, não estamos dizendo que o professor deve derramar um monte de conteúdos de forma acrítica, mecânica e simplesmente técnica. É necessário que haja a reflexão acerca dos problemas filosóficos sem deixar que estes sejam chãos e desinteressantes para os estudantes. Nesse ponto, podemos dizer que, aliar a filosofia com formas dinâmicas de ensino, seria uma boa estratégia para despertar o interesse do educando, lembrando de não deixar de lado os conceitos e discussões filosóficas, favorecendo apenas a mecanicidade da didática do entretenimento. Percebe-se a partir da afirmação de Tacca o universo futuro que está para o professor. As nuances e facetas que terá que enfrentar.

“Assumir-se como professor requer a clareza de muitos aspectos constituintes da missão a ser realizada. É preciso, sim, ter metas e objetivos, saber sobre o que se vai ensinar, mas não se pode perder de vista, um segundo sequer, para quem se está ensinando e é disso que decorre o como realizar. Integrar tudo inclui dar conta de diversas facetas do processo ensino-aprendizagem, ou seja, a do aluno concreto, real, a do conhecimento, a das estratégias de ensino, e a do contexto cultural e histórico em que se situam.” (TACCA, 2000, *apud* TUNES, TACCA, BARTHOLO JUNIOR, 2005, p.697)

Os problemas filosóficos, para serem discutidos, requerem uma argumentação coerente baseados na lógica. Todavia, tais problemas estão abertos sempre a novas visões, perspectivas e reflexões demonstrando assim a dinamicidade da filosofia e de seus argumentos se construídos de forma querente. Desse modo, para que o aluno se aproprie de conceitos filosóficos é necessário que ele esteja inserido nos debates das ideias filosóficas, assim, o estudante compreenderá como um determinado conceito é aplicável em situações também determinadas. Em filosofia, os conceitos se movimentam, são eles vivos e fluidos, não é possível dar uma definição acabada que abranja todas as possibilidades que direcionem para um consenso, portanto, a Filosofia e o conhecimento gerado por ela não é estático e, pode levar o educando a pensar por si mesmo os conceitos filosóficos.

A dinamicidade, intensidade e mobilidade dos problemas filosóficos, estabelece um método próprio para o ensino de filosofia. Na Filosofia não existe consenso absoluto, não há um corpo de saberes acumulativos passíveis de serem transmitidos de forma mecânica, desse modo, leva-se em consideração que

Uma das dificuldades que estudantes e professores de Filosofia enfrentam é a seguinte: ao contrário do que acontece noutras disciplinas, a filosofia não tem um corpo imenso de conhecimentos que tenhamos de adquirir. Isso desorienta o estudante e o professor, por que não encontram na filosofia o tipo de conteúdos que se encontram na história, na física ou na matemática. Na História, há acontecimentos que têm de ser compreendidos; na Física, leis e fórmulas; na Matemática, teoremas e axiomas e regras. E na Filosofia? Há as opiniões opostas dos filósofos, que nunca parecem chegar a um consenso mínimo. (MURCHO, 2012, p. 14)

Desse modo, o professor de filosofia, não tem como apresentar dados concretos e consensuais como em outras disciplinas. Cabe ao professor, então, estimular seu aluno a pensar de crítica e articulada sobre diferentes conceitos e temas. Assim, a perspectiva kantiana é uma forma interessante de se praticar o ensino da filosofia

[...] se há uma disposição natural para atividade do pensar, o seu livre exercício é o melhor instrumento para a produção do conhecimento. Assim como se aprende a nadar nadando, a andar andando, assim também se aprende a pensar pensando. Essa disposição necessita ser cultivada com a ajuda de um mentor, de um mestre que, ao proceder socraticamente, induz o educando a pensar por si mesmo sem a ação inibidora da tutela. O

modo como se ensina e aprende filosofia deve ser coerente quanto ao próprio modo de produção do seu conhecimento: ela não é uma ciência acabada. Por esta razão, deve-se exercitar o seu uso criticamente. (RAMOS, 2017, p. 202)

Desse modo, o ensino de filosofia deve incentivar a pensar e argumentar, por diversas vezes discordando dos filósofos, porém tendo como base argumentos articulados com o pensamento crítico e não com achismos. O que se espera de um aluno de filosofia é justamente que desenvolvam argumentos bem articulados e consistentes, somente dessa maneira será possível debater em defesa de um ponto de vista ou concepção. Desse modo, podemos concluir que o ensino de Filosofia exige uma didática própria, estas não devem, contudo, ensinar filosofias, mas antes, ensinar a filosofar. Não podemos aplicar ao ensino de filosofia uma didática geral ou universal à Filosofia, pois assim, estaríamos tornando está em campo estéreo e improdutivo. Seu ensino deve lançar questões que inquietem os estudantes, deve ser provocativo, isso instiga o educando a pensar e sugerir saídas aos problemas apresentados a eles. Nesse sentido, o professor de Filosofia deve ensinar o estudante a pensar de forma consciente, coerente e sistematizada, não apenas transmitir conhecimentos como se fossem mera informação, pois, ao pensar sem critério, criticidade ou lógica, é apenas pensar a esmo e de modo superficial os problemas do mundo.

CONCLUSÃO

Provocar o crescimento intelectual dos estudantes, é isto o que a disciplina e o professor de filosofia faz. Desperta o senso crítico, aborda o desenvolvimento cognitivo, bem como a formação de adolescentes enquanto ser social, que recebe influências e constrói sua personalidade e percepções de mundo, a partir dos contatos interpessoais no grupo em que está inserido tornando-o reflexivo. Já para o professor que exerce sua docência com amor, carinho e zelo adquire experiências, aperfeiçoar o conhecimento, praticar a teoria, cresce enquanto profissional. O ato de ensinar está para além da discussão de homens que sabem muito, é instigar o conhecimento de quem não sabe nada ou pouco sabe, é formar cidadãos para a vida. Ser professor, não é apenas passar conhecimentos ditos como verídicos, é instigar o estudante, para que ele queira conhecer e questionar esse conhecimento, é mostrar as diversas visões de mundo, é mostrar um mundo que o estudante não conhece e que está além da vida familiar e escolar. É um mundo de curiosidades e de conhecimentos.

REFEREÊNCIAS

BRASIL. **LEI Nº 11.684**, DE 2 DE JUNHO DE 2008. Disponível em:
<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11684-2-junho-2008-575857-publicacaooriginal-99168-pl.html>> Acesso em: 14/ 11/2017

_____. **Filosofia:** Ensino médio. Vol. 14. Disponível em:<
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7837-2011-filosofia-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 15/11/2017.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de filosofia no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2009. p.93-132.

NURCHO, Desidério. **A natureza da filosofia e o seu ensino**. Revista Educação, v. 27, nº 02. 2002, p. 13-17.

PRADO, Lourenço de Almeida. **Educação: Ajudar a pensar, sim: Conscientizar, não**. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

RAMOS, César Augusto. **Aprender a filosofar ou aprender filosofia: Kant ou Hegel?** Vol. 30, nº2,. São Paulo: Revista transformação, 2017, p. 197-217.

SEVERINO, Antônio Joaquin. **Desafios atuais do ensino de filosofia**. In. A filosofia e seu ensino: Caminhos e sentidos. Renê Trentin; Roberto Goto (Orgs). São Paulo: Loyola, 2009, p. 17.

TUNES, Elizabeth. TACCA, Maria Carmen V. R. BARTHOLO JUNIOR, Roberto dos Santos. **O professor e o ato de ensinar**. Cadernos de pesquisa, v. 35, n.126, p. 689-698, set./dez. 2005.

